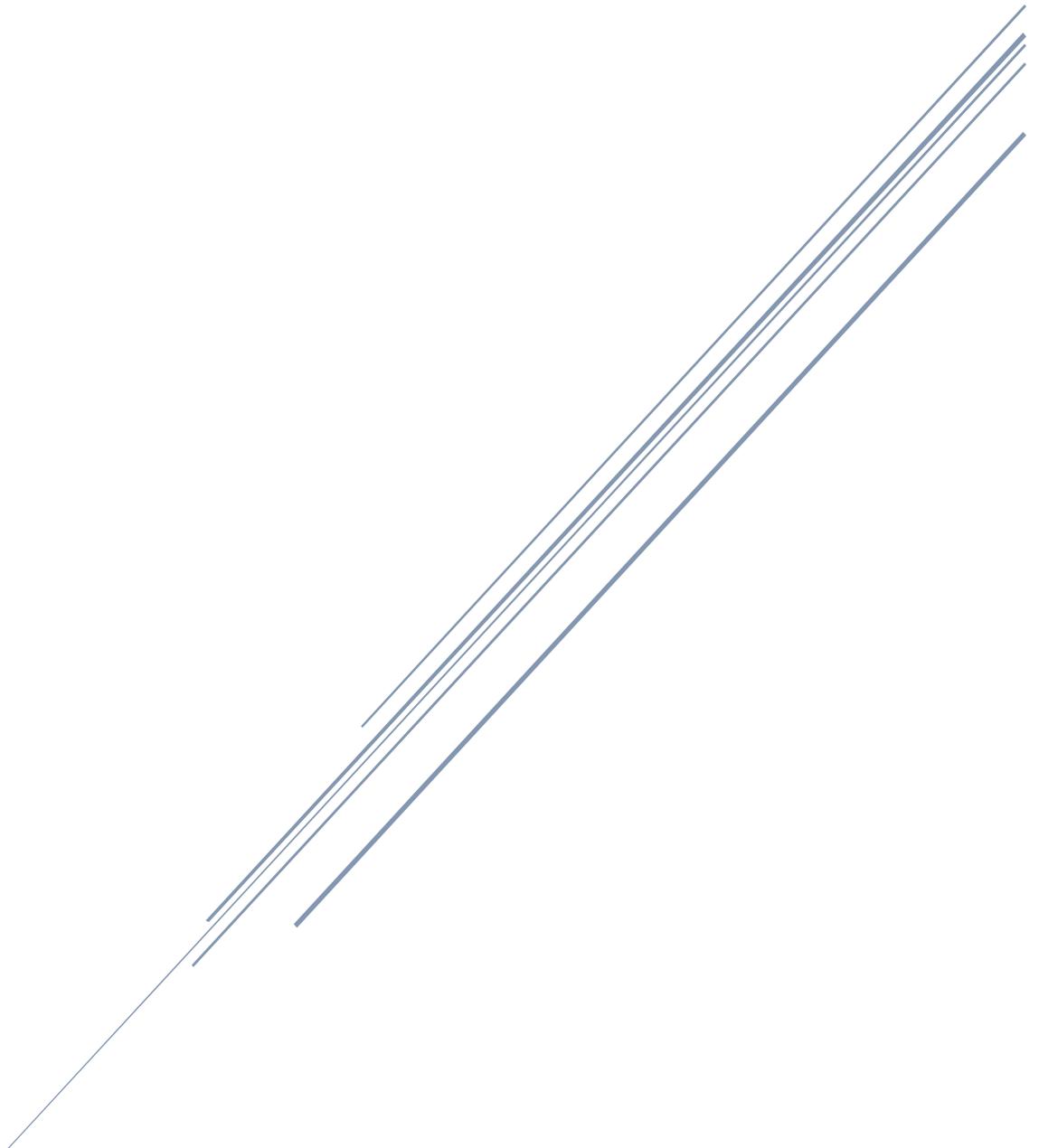


# BREVE ENSAIO DOCUMENTAL DO CENTRO ESPÍRITA CASA DE TIO HORMINDO



Resgate da História do C. E. Casa de Tio Hormindo  
Francisco de Assis Freitas da Silveira

Localizado nos Altiplanos da Bahia à latitude 14° 51' 57" Sul e à longitude 40° 50' 20" Oeste, nasceu o Arraial da Conquista nas imediações do Rio Verruga. Fundado no século XVIII, pelo bandeirante português, João Gonçalves da Costa, a serviço de D. José I, rei de Portugal. Este desbravador chegou à região com a incumbência de conquistar terras ao oeste da costa da Bahia e em busca de ouro e pedras preciosas, depois do esgotamento das minas de Rio de Contas e Minas Gerais. Àquela época o arraial já trazia em si o *gérmen* de cidade grande.

Reza a história que seu fundador, homem rude, negro forro, conquistador e violento, dizimou as populações indígenas dos Mongoiós (sub-grupo Camacãs), Ymborés (ou Aimorés, também assim conhecidos) e Pataxós (estes em menor escala), todos residentes primevos da região. O bandeirante, como de hábito comum aos portugueses, serviu à Igreja Católica e crentes de ser possível barganhar com os santos, fez promessa de erigir igreja a Nossa Senhora das Vitórias, se ela lhe desse a graça de vencer os índios, defensores ferrenhos e aguerridos de seus domínios, possibilitando-lhe subjugar-los em nome da Coroa de Portugal e de seus interesses de lavra e comércio. Os soldados de Gonçalves da Costa, reanimados pela promessa, subjugaram seus dignos opositores, que caíram vencidos no alto da colina, local onde foi erguida a igreja. As lutas, entretanto, prolongar-se-iam até o século XIX.

O Arraial da Conquista, ao final do século XVIII, ainda cercado por matas densas, flora rica e fauna abundante, contava com uma igreja e menos de uma centena de casas. Quando em 1840 foi elevado o arraial à categoria de Villa Imperial da Vitória, distrito da Vila de Caetité, a localidade já havia crescido em decorrência de seu povoamento por colonizadores e suas famílias, sertanejos, litorâneos e escravos negros. Em 1891 a vila foi elevada à categoria de cidade, quando passou a se chamar Conquista. Em dezembro de 1943, através da Lei Estadual 141, o município tornar-se-ia Vitória da Conquista.

Esta cidade, por sua localização estratégica, funcionando como intersecção entre os vários sentidos da rosa dos ventos, é ponto de convergência de grande parte da malha rodoviária que corta o estado, ligando as inúmeras localidades desse país-contidente, chamado Brasil. Vitória da Conquista é uma cidade progressista, que desde os anos 20 do século passado já apresentava vocação para metrópole. Comércio, agricultura e pecuária são a locomotiva econômica do município. Hoje, com mais de 343.000 mil habitantes, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o antigo arraial apresenta o 9º. IDE (Índice de Desenvolvimento Econômico); o 6º. IDS (índice de Desenvolvimento Social) e o 18º. IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) baiano. Tudo isso posiciona esta

progressista cidade do sudoeste baiano como a 3<sup>a</sup>. maior urbe do Estado da Bahia e também do interior nordestino.

Foi em Vitória da Conquista onde começou a se materializar o imponderável: o brotar das raízes primárias da “Família Hormindo. Contudo, o começo, este, verdadeiramente, se deu na antiga Villa Imperial da Vitória, onde nasceu e se criou a matriarca dessa família ímpar: Vó Henriqueta. Em sua casa sempre tinha lugar à mesa para mais um. À sua porta batiam plebeus e coronéis. Mendigos e ricos proprietários de terras. Médicos e políticos. Ímpios e religiosos. Sem distinção, iam todos à procura de seus conselhos e orientações. Recebidos com cordialidade, os visitantes de lá saíam reconfortados. É de se admirar que uma pessoa analfabeta, ignorante do saber livresco, tivesse tanta sabedoria das coisas da vida. Nisso, entretanto, consiste o diferencial: enquanto as letras dão conhecimento e matam, a vida educa e o espírito obediente vivifica.

Nascida no ano de 1863, no dia 30 de abril, Henriqueta Prates dos Santos Silva, filha de Estêvão Moreira Prates e Maria Vitória Prates, aportou nas terras planaltinas do Sudoeste Baiano. Orgulhosamente de descendência indígena, como lhe denunciavam a cor da tez e os traços fisionômicos, reafirmando-lhe a digna matriz de origem autóctone brasileira, Vó Henriqueta casou-se com José Sátiro dos Santos Silva, com quem gerou sete filhos: Steliano, Leôncio, José Sátiro, Guiomar, Leonor e Maria Vitória. Pode-se afirmar que Vó Henriqueta embalou em seu colo as matrizes físicas da Casa de Tio Hormindo.

Leonor, também conhecida como Tia Santa, ou apenas Santa, casou-se com Maneco e gerou cinco filhos: Lívio, Zuleica, Carmélia, Maria Vitória e Zélia. Estava se desenhando a árvore genealógica da Família Hormindo que, para se fazer frondosa, fértil e prolífera carecia fundir-se com outros ramos assegurando a miscigenação dos genes, necessária à conseqüente posteridade dos frutos e a perpetuação dos ideais fraternos e filantrópicos, já consolidados pelo serviço ao próximo, executado ao logo desses quase dois quartéis de século. Era de se esperar a família crescesse, demandasse mais espaço físico e almejasse casa própria.

Casa, aliás, é palavra que quando se busca nos dicionários, percebe-se logo a grande quantidade de sinônimos e aplicações para este verbete que, na sua mais usual definição de abrigar, proteger, albergar, pode-se, por extensão, dar-lhe o mais nobre significado correspondente: “Lar!”

Lar, cuja origem está em lareira, local mais aconchegante da casa, onde se reúnem as famílias para as refeições e tertúlias ao redor do fogão, quer nas gélidas horas invernais, bebendo café fresco e aquecendo-se no lume estrepitante da lenha que arde, quer em tempos

de calor, bebendo garapa de maracujá, com janelas e portas bem abertas. O clima amistoso embala os argumentos e dá ritmo à conversação, molhando as palavras, ora com o calor do café recém passado, ora com o frescor do suco da fruta espremida na hora.

Foi sob o calor de tertúlias edificantes, aquecidas pelo fervor do bem-servir, que teve início, no plano físico, aquilo que na quintessência já existia: A Casa de Tio Hormindo. Hoje, de forma igual, reúne-se sob este teto albergador a “Família Hormindo”, motivada pelo ideal espírita, cujo argumento eloquente convence, prepara, esclarece e modifica o ente, que sem se abster da razão, rende-se à lógica da verdade suprema e se propõe a beber nas fontes do Evangelho de Jesus, nele identificando roteiro seguro e norteador para as transformações duradouras.

Com os corações aquecidos na caridade e no propósito de servir, que pela vez primeira reuniu-se o núcleo fundador, a célula-mãe dessa família crescente, e decidiu criar a Manjedoura Helena Santos. Nome inspirado na obra social do Centro Espírita Humberto de Campos, com sede em Vitória da Conquista. Com este passo a embalar os sonhos do grupo, naturalmente os levou ao Culto do Evangelho no Lar. Este, itinerante no começo, era realizado em casa de Achilles e Carmélia, Aureliano e Zélia, César e Maria Vitória, também, e eventualmente, em outras casas, num rodízio consensual.

As famílias crescem e demandam providências para acomodação e conforto de seus membros. Não seria diferente com a “Família Hormindo”. Cresceu tanto, que o espaço residencial ficou pequeno e fez-se mister encontrar um lugar que comportasse as pessoas, as máquinas e os insumos para os serviços de confeccionar enxovais infantis para gestantes carentes e pudessem, ainda, servir às práticas doutrinárias e mediúnicas, já intrínsecas aos encontros familiares semanais. A busca por esse espaço foi orientação da espiritualidade. Encontrado o espaço, decisões foram tomadas para viabilizar a instalação do Centro no novo local. Com as providências em andamento, percebeu-se que o Centro ainda não tinha um nome. Como poderia funcionar e ser encontrado sem uma denominação? Ante às muitas possibilidades de nomes, prevaleceu o mais natural e óbvio, até aquele momento sequer pensado. Foi, então, que Carmélia sugeriu chamasse Casa de Tio Hormindo. Sugestão prontamente aceita.

Seria, e foi, natural a escolha do nome, afinal, Tio Hormindo é o Mentor Espiritual da Casa, cuja bela história evolutiva remonta a muitas romagens terrenas, transitando pelos muitos caminhos do erro e do acerto, da ciência e escravidão, da abundância e da pobreza, da vaidade e da humildade. Foi como um Preto Velho, chamado Hormindo, que ele se

apresentou pela vez primeira, através da mediunidade de Carmélia, tornando-se o orientador lúcido e amigo daqueles que tiveram a oportunidade de ouvir-lhe os conselhos e exortações.

Com a definição do nome, nascia, assim, o Centro Espírita Casa de Tio Hormindo, cuja primeira sede teve por endereço a mesma rua da atual, onde ocupava em aluguel a casa de número 94. Onde trabalhadores e frequentadores se reuniam às segundas-feiras às 14h, para as atividades da Manjedoura; às terças-feiras às 20h, para os trabalhos mediúnicos e aos sábados às 16h, para os trabalhos doutrinários. Nos seus primeiros passos, a Casa de Tio Hormindo dividiu espaço, em dias diferentes, com outro grupo formado por pessoas cujo interesse era o estudo da ufologia. Esta parceria ajudava no rateio proporcional das despesas. Embora o espaço fosse o mesmo, os interesses e propostas de trabalho eram diferentes e sem vinculação, restando a fraternidade como elo comum e norteador da boa convivência. Passado algum tempo, não muito longo, aquele grupo mudou-se para outro local e a Casa de Tio Hormindo seguiu no mesmo endereço.

Nascido e registrado nos termos da Lei, o Centro Espírita Casa de Tio Hormindo teve sua Ata de Fundação lavrada em 14 de abril de 1984. Constituíram sua primeira diretoria Achilles Ferreira da Motta, presidente; César Lopes Trindade Mello, vice-presidente; Renato Osório Freire de Carvalho, primeiro secretário; Achilles Ferreira da Motta Filho, segundo secretário; Daniel Medeiros, primeiro tesoureiro; Aureliano Augusto da Silva, segundo tesoureiro.

Hoje, quatro décadas depois daquele dia, reunidos sob este teto acolhedor e aconchegante, a “Família Hormindo” sente falta de seus membros que, pelos impositivos da vida, precisaram atender ao chamado de Deus e rumaram à Pátria Espiritual. Sabemos, entretanto, que aos presentes se juntam todos eles e celebram a expressiva vitória de cada dia de atividade edificante em favor do Espírito Imortal.

Se cabe a saudade, não há espaço para a tristeza. A obra está edificada, sempre a celebrar a vida e tem a assinatura indelével daqueles que ajudaram na sua edificação, contribuindo para que se materializasse na Terra a obra concebida na espiritualidade e entregue à liderança segura de Tio Hormindo. Pode-se afirmar que o Centro Espírita Casa de Tio Hormindo tem o peso do ouro e o valor de um Crucifixo. Peça de arte que se tornou herança de família e cuja venda permitiu a aquisição deste edifício, que hoje nos alberga sob sua cumeeira abençoada. Foi, pois, sob a égide do cruzeiro, é correto inferir, que se edificou a nossa sede.

Com o falecimento de Santa, suas filhas herdaram um crucifixo em ouro maciço e pedraria, que por muito tempo ficou guardado com Zélia. No início dos anos noventa, a casa

alugada já estava pequena para as tarefas do Centro, que havia crescido, tornando-se desconfortável e acanhada para aqueles que frequentavam os trabalhos doutrinários e as práticas mediúnicas. Veio daí a necessidade de buscar outro local que pudesse abrigar as máquinas de costura, os insumos e os enxovais prontos da Manjedoura, trabalhadores das muitas tarefas da Casa e os frequentadores de suas atividades públicas.

Eis que é colocada à venda a casa de número 98, ao lado da sede alugada, na Rua da Mouraria, no bairro de Nazaré, na cidade do Salvador. Começou o esforço para a compra do imóvel. Criou-se um “Livro de Ouro”, onde doações foram compromissadas. Esforços da diretoria foram encetados e, enfim, o valor pedido pelo imóvel estava, pouco a pouco, sendo alcançado. Contudo, faltava, ainda, a expressiva quantia de CZ\$ 1.355.000,00 (um milhão trezentos e cinquenta e cinco mil cruzados) que, por maiores fossem os esforços de todos os envolvidos, tal valor não lograva ser alcançado.

Certo dia, as irmãs Carmélia, Zélia e Maria Vitória conversavam quando Zélia se recordou da herança de Santa, que estava sob sua guarda. Foi um refrigerio nas angústias, afinal, tal joia deveria cobrir o valor faltante. Levada à avaliação, logo verificou-se que o mercado não valoriza a arte, mas, tão-somente o ouro. As avaliações foram abaixo da expectativa. Como alternativa, ventilou-se a possibilidade de oferecer a peça a colecionadores e a pessoas de bom poder aquisitivo, que constituíssem o círculo de amizades da Família Hormindo. Não houve sucesso.

Faltando poucos dias para a consolidação da compra, Maria Vitória estava na maternidade do Hospital Português, para acompanhar a chegada de mais um neto, a se chamar Vítor, filho de Marcos e Dolores, quando foi interpelada por Sr. Moacir Góes, pai de sua nora parturiente, qual o motivo de sua preocupação. Sem se fazer de rogada, pois sabia das possibilidades do senhor, narrou-lhe o motivo de sua introspecção. Num arroubo de avô, já apaixonado pelo neto nascituro, disse: “Sua preocupação acaba aqui. Eu compro o crucifixo. Dá-lo-ei de presente ao meu neto”. E foi assim, num comum e prévio acordo entre o avô e o pai do recém chegado, que a quantia de US\$ 1.000,00 (mil dólares) foi paga pelo crucifixo, mesmo sem ver a peça de arte, posteriormente entregue ao seu destinatário.

Com a conversão dos dólares em cruzados deu-se o fechamento do valor faltante para quitação do imóvel. A casa de nº 98, foi adquirida, enfim, pela “Família Hormindo”, que por ela pagou a quantia de CZ\$ 8.500.000,00 (oito milhões e quinhentos mil cruzados), conforme registro em Contrato Particular de Promessa de Compra e Venda, datado de 04 de novembro de 1988, e assinado por Achilles Ferreira da Motta, então presidente do Centro.

É, portanto, sob a Égide do Cruzeiro e as bênçãos do Cristo de Deus que labutam todos os servidores desta Casa de Caridade, atendendo ao próximo, agasalhando o desnudo, acolhendo o andarilho, orientando as plateias, educando a mediunidade no serviço profícuo e esclarecendo os Espíritos. Mas, é sobretudo com gratidão a Deus pela oportunidade do trabalho redentor, que auxilia na conciliação do passivo individual, pelo abatimento das dívidas, desonerando as consciências e habilitando-as diante da Justiça Divina, que seus trabalhadores se colocam como humílimos instrumentos de trabalho do Cristo Jesus, nesta Instituição de Caridade, dirigida pelo querido Tio Hormindo, que a todos acolhe de braços abertos sob a cumeeira de sua Casa de Amor.

A Saga, contudo, não terminou aí. Depois de quase dois anos funcionando em seu novo endereço, a estrutura antiga começou a dar mostras de fadiga, reclamando por reformas estruturais. O sótão, onde funcionava a Manjedoura, começou a ceder mediante ao peso das máquinas de costura e das pessoas que lá doavam horas preciosas em favor do próximo. Um dia, durante reunião mediúnica, Oyama, um dos trabalhadores espirituais do Centro, questionou: “Até quando vocês acham que poderemos segurar o sótão, para que não caia?”

De fato, depois de vistoria técnica, não houve outra alternativa senão fechar a casa para reforma. Assim foi feito. Esta decisão iniciou outras duas batalhas: encontrar um local onde as atividades do Centro pudessem ser realizadas, sem solução de continuidade e levantar recursos para os reparos necessários. Mas tudo deu certo, mais uma vez. E a solução não tardou a chegar. Jairo Souza, filho de Zuleica, ofereceu um imóvel de sua propriedade, localizado à Rua Manoel Caetano, s/nº, no Barbalho. Lá, permaneceu por pouco tempo. O excesso de barulho externo, provocado pelo intenso tráfego de ônibus, automóveis e transeuntes, inviabilizava a realização dos trabalhos mediúnicos e doutrinários. Foi nesse momento que Tio Hormindo sugeriu a suspensão temporária das atividades. Assim foi feito.

Aqui, um registro devido e uma constatação, com viés justo de reconhecimento a todos que não mediram esforços para a realização da meta proposta. Porém, duas pessoas se destacaram nesse processo, Tia Mé (Carmélia) e Tia Lia (M<sup>a</sup> Vitória), a idealizadora e a realizadora, respectivamente. Sem temerem negativas, foram à luta e bateram às portas de muitas empresas e de muitas pessoas. Esse esforço foi recompensado com doações, que viabilizaram a reforma onerosa, culminando com a reabertura do Centro, em sua sede própria, no dia 10 de março de 1994, onde segue prestando relevante serviço à sociedade, sendo considerada Entidade Filantrópica de Utilidade Pública, em nível Municipal, Estadual e Federal.

Este pequeno ensaio tem por finalidade resgatar registros passíveis de esquecimento, pelo tempo, pela memória e pela pouca cultura de perpetuação da História, quer pela oralidade, quer pelo registro escrito. Não há pretensão de enaltecer as figuras de mulheres e de homens, sem dúvida, valorosos, mas, sim, a flagrante intensão de enaltecer a grandeza de um trabalho maior, cujas raízes são estelares, mas que não prescinde dos operários, que ainda buscam o salário dos obreiros da última hora. Viva Jesus!



Imagem do Crucifixo, cuja venda possibilitou a compra da casa onde funciona o Centro.